

MONSTROS IMACULADOS

Em algum lugar do mundo vive uma filósofa extraordinária chamada Florie Rotondo.

Um dia desses eu me deparei com um pensamento dela numa revista sobre as redações das crianças em idade escolar. Dizia assim: *Se eu pudesse fazer tudo o que eu quisesse, eu iria até o centro do nosso planeta, Terra, procurar urânio, rubis e ouro. Eu ia procurar Monstros Imaculados. Depois eu ia me mudar, para o campo. Florie Rotondo, oito anos.*

Florie, querida, eu sei muito bem o que você quer dizer – mesmo que você não saiba: como, aos oito anos?

Eu já estive no centro do nosso planeta; ou pelo menos sofri todas as atribuições que uma viagem dessas pode causar. Procurei urânio, rubis e ouro e, no caminho, encontrei outras pessoas nessa mesma busca. E, Florie, preste atenção – eu encontrei Monstros Imaculados! Maculados também. Mas os imaculados são o tipo mais raro: trufas brancas em comparação às negras; o aspargo selvagem, amargo, em vez da variedade cultivada em jardim. O que não fiz foi me mudar para o interior.

Na verdade, estou escrevendo em papel timbrado da ACM na ACM de Manhattan, onde venho existindo há um mês numa cela do segundo andar sem vista alguma. Eu queria morar no sexto – se eu resolvesse sair pela janela, faria uma diferença crucial. Talvez eu troque de quarto.

Subir. É provável que não. Sou covarde. Mas não covarde o suficiente para me atirar.

Meu nome é P. B. Jones e estou com dois corações – não sei se escrevo sobre mim agora ou se espero e ponho a informação na trama da história. Eu poderia muito bem não contar nada, ou quase nada, porque em relação a esse assunto eu me vejo como repórter, não como participante, ao menos não como um participante influente. Mas talvez seja mais fácil começar por mim.

Como eu disse, me chamo P. B. Jones; tenho 35 ou 36 anos: o motivo da incerteza é que ninguém sabe quando eu nasci nem quem eram os meus pais. Tudo o que se sabe é que eu fui abandonado na sacada de um teatro de vaudeville em St. Louis quando era bebê. Foi em 20 de janeiro de 1936. As freiras católicas me criaram em um grave orfanato de arenito que sobranceava uma das margens do rio Mississippi.

As freiras me adoravam, porque eu era uma criança esperta e linda; nunca perceberam como eu era dissimulado, ambíguo, nem o quanto eu desprezava a austeridade e o cheiro delas: incenso e água de lavar louça, velas e creosoto, suor branco. De uma das irmãs, a Irmã Marta, eu gostava bastante; ela dava aulas de inglês e tinha tanta convicção no meu talento para escrever que eu também acabei convencido. Mesmo assim, quando saí do orfanato, fugido, não deixei nenhum bilhete para ela e nunca mais entrei em contato: um exemplo típico do meu caráter embotado e oportunista.

Com o dedão em riste, sem saber para onde ir, peguei carona com o motorista de um Cadillac branco conversível. Um cara robusto de nariz quebrado e rosto vermelho, sardento, irlandês. Ninguém diria que era um veado. Mas era. Ele perguntou onde eu estava indo, e eu só dei de ombros; quis saber que idade eu tinha – eu disse dezoito, mas na verdade eu era três anos mais novo. Ele

sorriu e disse: “Ah, eu não quero corromper a moral de nenhum menor”.

Como se eu *tivesse* alguma moral!

Então disse, em tom solene: “Você é um garoto bonito”. Verdade: meio baixo, um e setenta (às vezes um e 72), mas robusto e proporcional, com cabelo loiro acastanhado, olhos castanhos salpicados de verde e um rosto anguloso; me olhar no espelho era sempre uma experiência reconfortante. Então, quando Ned me pegou de jeito, achou que estava tirando um cabaço. Ho ho! Tendo começado cedo, aos sete ou oito anos, mais ou menos, eu já tinha feito de tudo com vários garotos mais velhos e muitos padres e também com um jardineiro negro muito charmoso. Para dizer a verdade, eu era uma espécie de puta movida a Hershey’s – fazia praticamente qualquer coisa por cinco centavos de chocolate.

Morei com Ned por vários meses, mas não consigo lembrar do sobrenome dele. Ames? Ele era o massagista-chefe num grande hotel em Miami Beach – um daqueles estabelecimentos judeus cor de sorvete com nome francês. Ned me ensinou a trabalhar no ramo e, depois que nos separamos, passei a ganhar a vida como massagista em uma série de hotéis em Miami Beach. Eu também tinha alguns clientes particulares, homens e mulheres que eu massageava e treinava com exercícios corporais e faciais – ainda que os exercícios faciais sejam uma grande asneira; o único que funciona mesmo é chupar pica. Sem brincadeira, não tem nada melhor para definir o maxilar.

Graças à minha ajuda, Agnes Beerbaum melhorou os traços do rosto com ótimos resultados. A srta. Beerbaum era a viúva de um dentista de Detroit que se aposentou e foi morar em Fort Lauderdale, onde em seguida morreu de trombose. Não era rica, mas tinha dinheiro – e dor nas costas. Foi para aliviar os problemas de coluna que eu entrei na vida dela, onde permaneci tempo o suficiente

para acumular, por conta de gorjetas acima do meu preço normal, mais de dez mil dólares.

Foi *nessa* época que eu devia ter me mudado para o campo.

Mas comprei uma passagem de ônibus e fui para Nova York de Greyhound. Eu tinha uma maleta sem quase nada dentro – só roupas de baixo, camisas, produtos de higiene pessoal e vários cadernos de anotações onde eu rabiscava uns poemas e contos. Eu tinha dezoito anos, era outubro; e eu nunca esqueci o brilho de Manhattan quando o ônibus foi chegando pelos pântanos fedorentos de Nova Jersey. Como Thomas Wolfe, um ídolo admirado ontem e esquecido hoje, poderia ter escrito: Ah, as promessas ocultas nas janelas! – frias e candentes no esplendor trêmulo de um pôr do sol no outono.

Desde então eu me apaixonei por várias cidades, mas só um orgasmo ininterrupto de uma hora poderia ultrapassar a alegria que senti no meu primeiro ano em Nova York. Infelizmente, resolvi casar.

Talvez a minha noiva ideal fosse a própria cidade, onde estava a minha alegria, o meu sentimento de fama inevitável, de bem-aventurança. Mas, ah, casei com uma garota. Uma amazona pálida com barriga de peixe, cabelo loiro preso e olhos lavanda amendoados. Era uma colega da Columbia University, onde eu tinha me matriculado num curso de escrita criativa ministrado por Martha Foley, uma das fundadoras/editoras da velha revista *Story*. O que eu gostava em Hulga (sim, eu sei que Flannery O'Connor batizou uma das heroínas dela de Hulga, mas não estou plagiando; é pura coincidência) era que ela nunca se cansava de me ouvir enquanto eu lia meus escritos em voz alta. Quase sempre, o conteúdo dos meus contos era o contrário do meu caráter – ou seja, terno e *triste*; mas Hulga achava tudo aquilo lindo, e aqueles enormes olhos lavanda sempre se enchiam d'água e transbordavam ao final das leituras.

Logo depois de casarmos, descobri que havia um bom motivo para os olhos dela terem uma serenidade tão imbecil e maravilhosa. Ela era imbecil. Se não, era quase. Mas com certeza tinha uns parafusos a menos. A boa e velha Hulga, mal-humorada e enorme, mas de um asseio refinado e minucioso – a típica dona de casa. Ela não tinha a menor ideia de como eu me sentia, ao menos não antes do Natal, quando os pais dela vieram nos visitar: dois suecos enormes de Minnesota, um casal de mamutes com o dobro do tamanho da filha. Estávamos morando num apartamento de um quarto perto de Morningside Heights. Hulga tinha comprado uma árvore meio como a do Rockefeller Center: ia do piso até o teto e de uma parede à outra – aquela porra estava consumindo todo o oxigênio do ar. E o escândalo que ela fez por causa daquilo, a fortuna que gastou naquela merda da Woolworth's! Eu detesto o Natal porque, com o perdão da nota melodramática, sempre me lembro do evento mais deprimente do ano lá no orfanato onde eu morei no Missouri. Na véspera de Natal, momentos antes dos pais de Hulga chegarem para o Yule, perdi a cabeça de repente: desmontei a árvore toda e atirei os pedaços um a um pela janela em meio ao clarão de fusíveis queimados e lâmpadas quebradas – e todo o tempo Hulga uivava como as porcas parindo. (Atenção, estudantes de literatura! Aliteração – vocês já perceberam? – é o menor dos meus vícios.) Aproveitei para dizer o que eu pensava dela – e pela primeira vez aqueles olhos perderam a pureza idiota.

No instante seguinte Mamãe e Papai apareceram, os gigantes de Minnesota: pareciam um time de hóquei assassino, e foi assim que reagiram. Os pais de Hulga simplesmente me esmurraram de um lado para o outro entre eles dois – e antes que eu apagasse ganhei cinco costelas quebradas, uma fissura na canela e dois olhos roxos. Depois, parece que os gigantes fizeram as malas

da cria e voltaram para casa. Nunca mais tive notícias de Hulga em todos esses anos que passaram; mas, até onde sei, ainda estamos casados no papel.

Você conhece o termo *killer fruit*? É um tipo de veado que tem Freon refrigerando as veias. Diáguilev, por exemplo. J. Edgar Hoover. Hadrian. Sem querer fazer comparações com esses personagens históricos, mas o cara em que estou pensando é Turner Boatwright – Boaty, como os súditos o chamam.

O sr. Boatwright era o editor de ficção de uma revista feminina de moda que publicava textos “de qualidade”. Eu o conheci, ou melhor, ele me conheceu, num dia em que falou para a nossa turma de escrita criativa. Eu estava sentado na primeira fila e, pelo jeito que o olhar gelado à espreita das virilhas gravitava na minha direção, pude notar o que se passava naquela elegante cabeça de cachos grisalhos. Muito bem, mas resolvi que eu não facilitaria as coisas. Depois da aula, os estudantes ficaram em volta para falar com ele. Eu não; saí sem ser apresentado. Um mês se passou, e durante esse tempo fiquei trabalhando nos dois contos que eu considerava os meus melhores: “Suntan”, sobre michês em Miami Beach, e “Massage”, que tratava das humilhações sofridas pela viúva de um dentista loucamente apaixonada por um massagista adolescente.

Com os manuscritos em mãos, fui fazer uma visita ao sr. Boatwright – sem marcar hora; simplesmente fui até a redação da revista e pedi para a recepcionista dizer ao sr. Boatwright que um dos alunos da srta. Foley queria falar com ele. Eu tinha certeza que ele saberia quem era o aluno. Quando me acompanharam até o escritório ele fingiu não lembrar de mim. Mas eu não caí nessa.

O escritório tinha uma atmosfera meio de negócios; parecia um salão vitoriano. O sr. Boatwright estava sentado em uma cadeira de balanço ao lado de uma mesa coberta com xales franjados que servia de escrivaninha;

havia uma outra cadeira de balanço no outro lado da mesa. O editor, com um jeito sonolento que pretendia disfarçar sua atenção viperina, fez um gesto para que eu me sentasse (descobri mais tarde que a cadeira dele tinha uma almofadinha com a palavra MÃE bordada). Mesmo sendo um dia lindo de primavera, as cortinas de veludo pesado, num tom que eu acho que se chama cor de pulga, estavam fechadas; a única luz vinha de dois abajures, um com a pantalha vermelho-escura, o outro, verde. Um lugar interessante, o covil do sr. Boatwright; com certeza a gerência lhe dava bastante liberdade.

“Então, sr. Jones?”

Expliquei o motivo da minha visita, disse que eu tinha me impressionado com a palestra dele na Columbia University, com a vontade que tinha de ajudar novos autores, e anunciei que eu tinha levado dois contos para avaliação.

Ele respondeu, a voz assustadora por conta de um gracioso sarcasmo: “Mas por que você veio pessoalmente? Em geral se usa o correio”.

Sorri, e meu sorriso é um convite encantador; em geral é assim que o interpretam. “Achei que o senhor não fosse ler. Um escritor desconhecido e sem agente? Não acho que muitos contos assim cheguem até o senhor.”

“Se forem bons o suficiente, chegam. Minha assistente, a srta. Shaw, é uma leitora muito hábil e sensível. Que idade você tem?”

“Vou fazer vinte em agosto.”

“E você se acha um gênio?”

“Não sei.” Não era verdade; eu tinha certeza que sim. “É por isso que estou aqui. Eu gostaria de saber a sua opinião.”

“Estou vendo que você é um tanto ambicioso. Ou isso tudo é só para impressionar? Afinal você é o quê, judeu?”

Minha resposta não foi nenhum motivo de orgulho; mesmo sendo um tanto implacável comigo mesmo

(será?), jamais deixei de usar meu passado para despertar a compaixão alheia. “Talvez. Fui criado num orfanato. Nunca conheci os meus pais.”

Mesmo assim, o cavalheiro tinha acertado em cheio o meu ponto fraco. Ele sabia com quem estava lidando; eu já não tinha mais tanta certeza. Na época eu estava imune aos vícios mecânicos – fumava pouco, não bebia. Mas nesse instante, sem pedir, escolhi um cigarro numa caixa de tartaruga; quando eu ia acendê-lo, todos os fósforos na carteira explodiram. Uma pequena fogueira se acendeu na minha mão. Dei um salto, sacudindo os dedos e choramingando.

Meu anfitrião não fez mais do que apontar com frieza os fósforos que ainda queimavam no chão. Ele disse: “Cuidado. Dê um jeito de apagar isso. Vai estragar o tapete.” Logo: “Venha aqui. Me dê a sua mão.”

Os lábios dele se abriram. Devagar, a boca dele envolveu meu indicador, o dedo mais chamuscado. O sr. Boatwright mergulhou o meu dedo nas profundezas de sua boca, puxou-o de volta quase até soltar, mergulhou-o na boca outra vez – como um caçador recolhendo o líquido venenoso de uma serpente. Quando parou, ele disse: “Está melhor assim?”

O equilíbrio tinha se alterado; deu-se uma transferência de poder, ou ao menos era o que eu achava. “Bem melhor; obrigado.”

“Ótimo”, disse ele, levantando-se para chavear a porta do escritório. “Agora vamos continuar o tratamento.”

Não, não era tão simples assim. Boaty era um cara durão; se necessário, ele teria pago por seus prazeres, mas jamais publicaria um conto meu. Sobre os dois manuscritos que eu entreguei, ele disse: “Não são grande coisa. Em geral eu nem daria incentivo a alguém com um talento tão limitado quanto o seu. É a coisa mais cruel que se pode

fazer – incentivar as pessoas a achar que têm talentos que na verdade não têm. Mas você tem um certo jeito com a palavras. Tem feeling para a caracterização dos personagens. Talvez sirva para alguma coisa. Se você quiser arriscar, mesmo sabendo que pode arruinar a sua vida, me disponho a ajudar. Mas não acho que seja uma boa ideia.”

Eu devia ter escutado. Devia ter me mudado para o campo naquele instante. Mas era tarde demais, pois eu já tinha começado minha jornada ao centro da Terra.

O papel está acabando. Acho que vou tomar uma ducha. E depois me mudar para o sexto andar.

Me mudei para o sexto andar.

Acontece que a minha janela dá de cara para o prédio ao lado; mesmo que eu pulasse do parapeito, só conseguiria bater a cabeça. Setembro está muito quente e o meu quarto é tão pequeno, tão quente que preciso deixar a porta aberta dia e noite, o que é lamentável porque, como em muitas ACMs, os corredores murmuram com as passadas abafadas de cristãos libidinosos; se você deixa a porta aberta, isso em geral é entendido como um convite. Mas comigo não é nada disso, não senhor.

No dia em que comecei essa narrativa eu não sabia se ia continuar a escrevê-la ou não. Mas acabo de chegar de uma *drugstore*, onde comprei uma caixa de lápis Blackwing, um apontador e meia dúzia de blocos de anotação. De qualquer jeito, não tenho nada melhor a fazer. Afora procurar um emprego. Só que eu não sei que tipo de emprego procurar – a não ser que eu voltasse às massagens. Já não sirvo para grande coisa. E, para ser sincero, não consigo parar de pensar que, se eu trocar a maioria dos nomes, eu poderia publicar essa história como um romance. Porra, não tenho nada a perder; algumas pessoas vão querer me matar, claro, mas vou entender isso como um elogio.